

ANÁLISE DA IDENTIDADE INDÍGENA MAKUXI EM UMA REPORTAGEM VIRTUAL

Fabricio Paiva Mota

Doutorando em Linguística e Língua Portuguesa

Universidade Estadual Paulista "Júlio de Mesquita Filho" - Campus de Araraquara.

E-mail: fabricaoos@yahoo.com.br

É professor do curso de Letras Português e Espanhol na Universidade Federal de Roraima. É integrante (pesquisador) do Grupo de Pesquisa para Análise e Descrição de Línguas Naturais (UFRR) e membro (estudante) do Núcleo de Pesquisas em Sociolinguística de Araraquara (SoLAR - Unesp/Araraquara).

 ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-5136-8222>

Revista Falange Miúda

ISSN 2525-5169

Periodicidade:

Fluxo contínuo

Volume 4

Número 2

Recebido em: 08/06/19

Aprovado em: 07/07/19

Resumo

Numa sociedade cada vez mais globalizada, as questões identitárias ganham destaque, apontando para novas identidades fragmentadas e múltiplas. Neste contexto, está Boa Vista/Roraima, cenário de intensas transformações sociais, culturais e linguísticas. Fundamentamo-nos em Hall (2006), Woodward (2000) e Silva (2000) para tratar das relações de identidade. O objetivo deste trabalho é discutir a relação entre linguagem e identidade, tendo como material de análise uma reportagem veiculada em um jornal roraimense sobre o lançamento de um CD indígena. Analisando a matéria, notamos que, embora exista uma tendência à homogeneidade cultural/linguística indígena, não podemos esquecer que as identidades são fragmentadas e multifacetadas.

Palavras-chave: Língua(gem). Identidade. Makuxi.

1 Considerações iniciais

Dentro dos estudos linguísticos, o conceito de *identidade* diz respeito ao papel da linguagem no fornecimento de pistas da individualidade de um falante¹ ou de um grupo social. Toda vez que alguém enuncia, está dando pistas sobre que tipo de pessoa ela é: de onde vem, a qual classe social pertence, até mesmo seu sexo e idade, e isso independente do meio de comunicação. Estudar esta função identitária da linguagem é fundamental para a compreensão de muitos comportamentos sociolinguísticos. Nesse sentido, estudos linguísticos relacionados à identidade ganham destaque no cenário de constantes mudanças nas sociedades contemporâneas, pois é através da língua, da música, dos costumes, da gastronomia, por exemplo, que um povo marca sua identidade.

O estado de Roraima pode ser visto como cenário de uma diversidade linguística peculiar. Aproximadamente, são doze grupos indígenas, ocupando em torno de 54% da área total do estado. Segundo dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE, 2010), a população indígena urbana em Boa Vista é de 6.072 índios.

De acordo com sites especializados na área de comunicação, Roraima conta, atualmente, com dois jornais de circulação impressa com suas respectivas versões digitais e com doze webjornais. Através de consultas feitas nesses, verificamos um número relevante de notícias, cuja temática era indígena. Assim, o objetivo deste trabalho é discutir a relação entre linguagem e identidade, tendo como material de análise uma reportagem² veiculada no Jornal **Folha BV**, em sua versão virtual de 20/07/2011.

2 Pressupostos teóricos

Roraima e sua tríplice fronteira é ponto de chegadas e partidas para a Amazônia Caribenha (OLIVEIRA, 2008): ao norte, a República Bolivariana da Venezuela; ao sul os demais estados brasileiros e ao leste a República Cooperativa da Guiana. É nesse contexto que inserimos Roraima, como estado multi-, plurilíngue, onde se encontram brasileiros de diversas regiões, indígenas e estrangeiros, sobretudo hispanofalantes oriundos da Venezuela e guianenses.

Boa Vista, capital do Estado de Roraima, com aproximadamente 400 mil (IBGE, 2019) habitantes recebe com frequência esse fluxo migratório de brasileiros, indígenas e estrangeiros. Um dos atrativos da cidade relaciona-se ao emprego. Woodward (2000) comenta que a migração dos trabalhadores não é algo novo, porém a globalização está diretamente relacionada com a aceleração da migração. Assim, o cenário

¹ Utilizamos o termo “falante” no sentido de “todo e qualquer usuário da língua”, “falante ou escrevente”.

² Neste trabalho, utilizaremos reportagem, matéria e notícia como sinônimas.

roraimense nos parece bastante rico para discutir as relações entre língua(gem) e identidade.

Desta maneira, o fluxo migratório entre cidades e países nos faz refletir sobre a questão da identidade de um sujeito sócio-historicamente situado. De acordo com Mello (1999), esse movimento migratório é um dos motivos para que aconteçam situações de bilinguismo e multilinguismo. Para a autora, as consequências dessas situações são várias, tais como famílias de imigrantes que aprendem a língua da região como forma de se adaptar à nova nação; grupos de invasores que impõem sua língua nas conquistas; grupos que se valem de uma língua franca ou um *pidgin* em determinados contextos linguísticos.

Hall (2006) nos diz que as velhas identidades estão em declínio e nova(s) identidade(s) está(ão) emergindo. Não cabe dúvida de que o sujeito pós-moderno, descrito pelo autor é um sujeito que está se tornando fragmentado. As identidades que outrora relacionavam as paisagens sociais e as “**necessidades**” objetivas da cultura estão entrando em colapso, como resultado de mudanças estruturais e institucionais.

Woodward (2000) aponta que a globalização envolve questões econômicas e culturais, produzindo mudanças nos padrões de consumo e produção, gerando, desse modo, identidades novas e globalizadas. O caráter de novidade da globalização está no fato da existência de uma convergência entre culturas e estilos de vida nas sociedades do mundo.

Segundo Hall (2006), a globalização pode levar ao fortalecimento de identidades locais ou à produção de novas identidades. Tal fortalecimento se daria como reação aos grupos étnicos dominantes. Um exemplo é uma “inglesidade”, como identidade única, bem como o movimento *black* dos anos 70 como nova identidade. O autor não fecha a questão sobre globalização, dizendo que ela tem “o efeito de contestar e deslocar as identidades centradas e ‘fechadas’ de uma cultura nacional” (HALL, 2006: 87).

Na contemporaneidade, essa fragmentação ganha destaque com a globalização. O fenômeno não é novo. Hall (2006: 67) define globalização na perspectiva de Anthony McGrew (1992) como:

aqueles processos, atuantes numa escala global, que atravessam fronteiras nacionais, integrando e conectando comunidades e organizações em novas condições de espaço-tempo, tornando o mundo, em realidade e em experiência, mais interconectado.

Roraima se insere nesse espaço-tempo interconectado, no qual pessoas de diversas origens circulam. O termo *glocal*, uma mescla entre global e local, expressaria bem o cenário roraimense. A palavra captaria a complexidade dos processos atuais de mutação cultural como algo que não pode ser reduzido à homologação homogeneizante. O sincretismo é resultado de um contato intercultural e interlinguístico (CANEVACCI, 1996 apud COX E ASSIS-PETERON, 2007).

Cuche (2002: 175) nos faz refletir sobre o conceito de cultura. O termo se expandiu e saiu das ciências sociais para outras áreas, relacionando-se à questão da identidade. A crítica feita pelo autor diz respeito ao “desejo de se ver cultura em tudo, de encontrar identidade para todos. Veem-se as crises culturais como crises de identidade”. Além de confundirem identidade com identidade cultural. Assim, para Cuche (2002: 176):

cultura pode existir sem consciência de identidade, ao passo que as estratégias podem manipular e até modificar uma cultura que não terá então quase nada em comum com o que ela era anteriormente. A cultura depende em grande parte de processos inconscientes. A identidade remete a uma norma de vinculação, necessariamente consciente, baseada em oposições simbólicas.

Cox e Assis-Peterson (2007) diferenciam cultura e língua. Para tanto, levantam uma discussão sobre a noção de transculturalidade. Dentre os inúmeros conceitos sobre cultura do século XX, as autoras decidem parafrasear os seis resenhados por Duranti (1997), “acatando o argumento do autor de que neles a língua desempenha um papel particularmente relevante” (COX; ASSIS-PETERSON, 2007: 30).

Fernando Ortiz (1940 apud Cox e Assis-Peterson, 2007: 35-36), define transculturalidade como a transição de uma cultura para outra e afirma que

este processo consiste somente em adquirir uma cultura diferente no sentido coberto pelo termo aculturação. A transculturação envolve dois movimentos: um de desculturação (desenraizamento parcial de uma cultura anterior) e outro de neo-culturação (criação de novos fenômenos culturais). O autor explica o enlace de culturas, fazendo uma analogia com a geração de um filho: a criança tem algo de seus pais, mas sempre algo de diferente de cada um dos dois.

O conceito de transculturalidade não implica em perda da cultura como descrita por Ortiz. O termo poderia relacionar-se com a tradução dos estudos de Hall (2006), porque “não há perda ou assimilação, mas negociação e mudança cultural” (COX E ASSIS-PETERSON, 2007: 36). Desta maneira, quando nos deslocamos para outros lugares, não esquecemos nossas experiências anteriores, ou seja, as pessoas como diz Hall, são traduzidas.

Face ao exposto, para atingirmos o objetivo deste trabalho, qual seja discutir a relação entre língua(gem) e identidade, tendo como ponto de partida uma reportagem, escolhemos o Jornal **Folha BV** por possuir grande circulação no estado de Roraima, ter uma versão eletrônica e disponibilizar edições anteriores.

O jornal, ao longo dos anos, deixa registrado o discurso e as marcas identitárias das comunidades por ele retratadas em suas matérias. São elementos culturais e linguísticos de determinadas comunidades, em especial, as indígenas. No entanto, se colocarmos a expressão *língua portuguesa* no campo de busca do referido jornal, aparecerão mais de 700 notícias, enquanto para **língua indígena** são

aproximadamente 60. Isso demonstra o poderio da língua portuguesa frente a outras línguas tidas como minoritárias.

Para Anderson (1983), um jornal em sua versão impressa é produzido em larga escala e tem vida efêmera. Dependendo da região, algumas edições serão compradas em determinados horários do dia. No entanto, com a popularização da internet, os jornais impressos tiveram que adequar-se a sociedade contemporânea. A velocidade com que as informações chegam, não daria conta de produzir novas edições durante o mesmo dia.

A pesquisa realizada é descritiva, pois segundo Gil (2002: 42), tem como objetivo “a descrição das características de determinada população ou fenômeno ou, então, o estabelecimento de relação entre variáveis”.

A seleção da matéria foi feita através do campo de busca do próprio jornal, em sua versão eletrônica (ver anexo), com a inserção da expressão **língua indígena**. No total foram 63 ocorrências de notícias sobre a temática. Nas primeiras indicações surgiu a reportagem “**Projeto lança CD com músicas na língua macuxi**”. Os Macuxi são a etnia majoritária no Estado de Roraima e sua língua pertence à família linguística Karíb.

Optamos para este trabalho analisar apenas uma matéria, cujo assunto é o lançamento de um CD do coral *Eseren’ka* da comunidade de Campo Alegre, intitulado “Cantos da Terra”, composto por cinco faixas.

3 Análises dos dados

Os trechos analisados³ neste trabalho foram extraídos da reportagem da Folha BV “**Projeto lança CD com músicas na língua macuxi**”. Sem dúvida um dos temas apontados na matéria é a questão da língua Makuxi, haja vista que as músicas são cantadas nesta língua.

Assim, o propósito da confecção do álbum é *manter viva as tradições indígenas*, ou seja, uma forma de mantê-las é gravando as músicas em língua indígena em mídia digital, marcando sua identidade por meio da língua. Segundo Mello (1999: 23), língua é “um comportamento social e como tal está intrinsecamente ligada à vida, à cultura e à história de um povo”. É através da língua que, por exemplo, expressamos nossas marcas linguísticas (morfológicas, fonológicas, sintáticas) e identitárias, (símbolos, costumes, crenças).

Vale salientar que o projeto *Cantos da Terra* é *uma iniciativa que busca promover ações de políticas públicas voltadas para a preservação cultural das comunidades indígenas das etnias da capital*, ou seja, são políticas de não índios voltadas para índios.

³ A reportagem completa está em nosso anexo, pois o link não está mais disponível no webjornal.

Hall (2006) leva em consideração três pontos no que concerne o poder cultural: a maioria das nações consiste de culturas separadas que só foram unificadas por um longo processo de conquista violenta; as nações são sempre compostas de diferentes classes sociais e diferentes grupos étnicos e de gênero e as nações modernas foram também os centros de impérios ou de esferas neoimperiais de influência. Desta forma, teria que se pensar num dispositivo discursivo que representa a diferença como unidade ou identidade.

Ainda para o autor, as identidades nacionais continuam a ser representadas como unificadas através da etnia, ou seja, as características culturais como língua, religião, costume, tradições e sentimento de **lugar**; da raça, entendida como uma categoria discursiva e não biológica.

Em alguns casos, os indígenas junto aos órgãos federais como a Fundação Nacional do Índio (FUNAI) se articulam a favor de políticas públicas voltadas a esse grupo. Em outros, o próprio poder público intervém, valendo-se de um discurso em que o indígena urbano não preservaria sua cultura.

Em estudo feito na Maloca da Raposa, comunidade não urbana, Freitas (2008) relata que os mais velhos (acima de 33 anos) são bilíngues, alguns entendem português e poucos são somente falantes de Makuxi; os jovens entre 16 e 32 anos falam a língua portuguesa e alguns entendem Makuxi e as crianças entre 7 e 15 anos são monolíngues em Português e poucos compreendem Makuxi. Neste último grupo, a influência de um dos avós é preponderante para que haja uma situação de bilinguismo em casa, tendo em vista que o avô fala Makuxi e o neto responde em português.

O projeto *Cantos da Terra* é voltado para jovens entre a faixa etária dos sete aos 21 anos, ou seja, em idade escolar. E como residem em Boa Vista estão em contato direto com a língua portuguesa. Esse projeto visa oferecer aulas de canto coral a crianças e a adolescentes da comunidade e promover a preservação da língua materna.

Na página disponível na internet do Conselho Municipal de Educação de Boa Vista⁴ (CME/BV) encontramos a resolução nº 17/2010 que versa sobre o ensino de línguas indígenas na capital. Assim, “na comunidade onde o português é utilizado como primeira língua, poderá ser ensinada a língua indígena própria da etnia, como segunda língua” (capítulo II, artigo 6º, inciso VIII, § 2º). Tal resolução vai de acordo com o Estatuto do Índio em seu Artigo 49: “A alfabetização dos índios far-se-á na língua do grupo a que pertençam, e em português, salvaguardado o uso da primeira”.

Face ao exposto, Maher (2007: 67) comenta que a escola brasileira, nos últimos anos, adotou políticas públicas de inclusão do **diferente** num processo de democratização da escola como instituição. No entanto, ainda segundo a autora, os alunos, indígenas, surdos e de comunidades de imigrantes, são obrigados a aprender

⁴ <http://cmeboavistarr.blogspot.com/2016/04/resumo-das-resolucoes-do-cmebv.html>

“a língua majoritária, no caso, o português, tornando-se bilíngues. Basta observar a resolução citada anteriormente em que a língua indígena **poderá ser ensinada como segunda língua**, ou seja, nada garante que a escola ofertará o idioma.

César e Cavalcanti (2007) também expõem a questão do ensino de português como língua histórica e hegemônica frente às chamadas línguas minoritárias. Segundo as autoras, o Brasil vive o mito da nação monolíngue, ocultando suas minorias linguísticas e socioculturais. Tais fatores estimulam o fortalecimento de uma variedade da língua portuguesa e o apagamento das demais, bem como de outras línguas.

Por meio da língua, por exemplo, os povos indígenas marcam a diferenças dos povos não índios. Segundo Silva (2000), identidade e diferença caminham juntas, em estreita dependência. Aparentemente seria uma tarefa fácil definir identidade. O enunciado **sou brasileiro** implica em dizer que não sou venezuelano, não sou argentino, não sou inglês e assim por diante, ou seja, ao mesmo tempo em que marcamos a identidade marcamos também a diferença.

Como foi dito anteriormente, o CD *Cantos da Terra* possui cinco faixas cantadas em língua Makuxi, sendo que a primeira, *Upororoi Mikuyumaipe (Varrendo meu Terreiro)*, é uma capela, de uma música baseada na dança milenar dos povos indígenas, o Parixara. A ideia é resgatar a dança, a língua materna e solidificar a autoafirmação de fazer parte desse povo. O trecho destacado é a fala da coordenadora de projetos indígenas da prefeitura de Boa Vista. Segundo Freitas (2008: 107), “o discurso da revitalização e/ou resgate da língua indígena é constante. Índios e não índios sensíveis à causa o repetem incessantemente”. Um possível entendimento seria que a língua indígena não é mais falada por seus nativos e para reverter tal quadro, deve-se resgatá-la através da dança (produção do CD) e da própria língua (saber se expressar em língua Makuxi por meio da música).

O projeto *Cantos da Terra* teria, então, papel importante na formação cultural e linguística desses jovens. Conforme César e Cavalcanti (2007), professores indígenas no curso de formação para o Magistério Indígena da Bahia demonstram o interesse em ampliar o domínio da língua portuguesa, bem como corroboram com a tradição linguística/cultural dos seus povos. Os conflitos entre índios e não índios no que concerne à posse de terras se refletem nas práticas e significados que os indígenas dão à sua própria cultura, à sua língua e à língua portuguesa.

Nesse sentido, Mello (1999) comenta que a língua indígena, geralmente, se limita as comunicações internas da/na comunidade e a língua do não índio se sobrepõem as demais comunicações. Ainda de acordo com a autora, “a assimilação da e pela língua-cultura dominante é vista como a única forma de ascensão econômica e social” (MELLO, 1999: 36).

Esse sentimento de autoafirmação também passa pela questão do espaço físico ocupado pelos povos. Anderson (1989) discute sobre os termos nação, nacionalidade

e nacionalismo. Termos estes difíceis de conceituar e analisar. Para este trabalho, vamos tratar apenas do primeiro. Para o autor, nação pode ser definida como “uma comunidade política imaginada e imaginada como implicitamente limitada e soberana” (ANDERSON, 1989: 14). Assim, ela é imaginada, pois nem todos os membros, sejam indivíduos de nações maiores ou menores, conhecerão seus pares, embora se reconheçam como parte de um todo; é limitada devido as suas fronteiras geográficas; é soberana, pois este conceito surgiu no século XVIII com o Iluminismo e outras Revoluções. Desta forma, as nações seriam livres sob as ordens de Deus. O ideal de liberdade era o Estado soberano. Por fim, a nação é como comunidade, pois os laços fraternais unem seus membros.

4 Considerações finais

Como foi dito no início deste trabalho, Roraima se localiza em uma região de contatos linguísticos peculiares com sua tríplice fronteira (Guiana – Brasil – Venezuela) além de contar com línguas indígenas presentes por todo o estado. Boa Vista, a capital, recebe esse fluxo migratório de diversas nacionalidades e etnias.


Por meio dos trechos citados, pudemos observar que a confecção de um álbum com músicas cantadas em língua Makuxi nos mostra o movimento em marcar a diferença com os não índios. A dança tradicional, o *Parixara*, por exemplo, é um elemento cultural que reforça essa diferença.

O que devemos refletir, como exposto no decorrer deste trabalho, é que as questões de identidade e diferença perpassam também pela língua e pela cultura. Embora exista uma tendência à homogeneidade, as identidades são fragmentadas e plurais.

Referências

- ANDERSON, Benedict. **Nação e consciência nacional**. Tradução: Lólio Lourenço de Oliveira. São Paulo: Ática, 1989.
- CÉSAR, América Lúcia Silva; CAVALCANTI, Marilda do Couto. Do singular ao multifacetado: o conceito de língua como caleidoscópio. In: CAVALCANTI, Marilda; BORTONI-RICARDO, Stella Maris (orgs.). **Transculturalidade, linguagem e educação**. Campinas, SP: Mercado de Letras, 2007.
- COX, M. I. P. & ASSIS-PETERSON, A. A. Transculturalidade e transglossia: para compreender o fenômeno das fricções linguístico-culturais em sociedades contemporâneas sem nostalgia. In: CAVALCANTI, Marilda; BORTONI-RICARDO, Stella Maris (orgs.). **Transculturalidade, linguagem e educação**. Campinas, SP: Mercado de Letras, 2007.
- CUCHE, Denys. **A noção de cultura nas ciências sociais**. 2ª ed. São Paulo: EDUSC, 2002.
- BRASIL. **ESTATUTO DO ÍNDIO**. Lei nº 6.001, de 19 de dezembro de 1973. Disponível em <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/16001.htm> Acesso em 18 jun 2012.
- FREITAS, Déborah de Brito Albuquerque Pontes. A construção do sujeito nas narrativas orais. In: **CLIO: Revista de Pesquisa Histórica**, nº 25-2, 2007b. Recife: Ed. Universitária UFPE, 2008.
- HALL, Stuart. **A identidade cultural da pós-modernidade**. 11ª. ed. Tradução Tomaz Tadeu da Silva, Guaracira Lopes Louro. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.
- Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística – IBGE. **Mapas por terras indígenas**. Disponível em: <<http://www.ibge.gov.br/indigenas/mapas.html>> Acesso em: 03 de jun. de 2012.
- GIL, Antônio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4ª ed. São Paulo: Atlas, 2002.
- MAHER, Terezinha Machado. Do casulo ao movimento: a suspensão das certezas na educação bilíngue e intercultural. In: CAVALCANTI, Marilda; BORTONI-RICARDO, Stella Maris (orgs.). **Transculturalidade, linguagem e educação**. Campinas, SP: Mercado de Letras, 2007.
- MELLO, Heloísa Augusta Brito de. **O falar bilíngue**. Goiânia: EdUFG, 1999.
- OLIVEIRA, Reginaldo Gomes de. O Rio Branco no contexto da Amazônia caribenha: aspectos da colonização europeia entre os séculos XVI e XVII. In: **Relações Internacionais na Fronteira Norte do Brasil**. Coletânea de Estudos. Boa Vista-RR: EdUFRR, 2008.
- PREFEITURA DE BOA VISTA/CONSELHO MUNICIPAL DE EDUCAÇÃO DE BOA VISTA. **Resolução CME/BV nº 17/2010**. Disponível em <<http://cmeboavistarr.blogspot.com/2016/04/resumo-das-resolucoes-do-cmebv.html>> Acesso em 18 jun 2012.
- SILVA, Tomaz Tadeu da. A produção social da identidade e da diferença. In: SILVA, Tomaz Tadeu da (org.). **Identidade e Diferença: a perspectiva dos estudos culturais**. Petrópolis, 2000.
- WOODWARD, Kathryn. Identidade e diferença: uma discussão teórica e conceitual. In: SILVA, Tomaz Tadeu da (org.). **Identidade e Diferença: a perspectiva dos estudos culturais**. Petrópolis, 2000.

ANEXO A – Reportagem

01	20/07/2011 11h19	
02	Projeto lança CD com músicas na língua macuxi	
03	NEIDIANA OLIVEIRA	
04	neidiana@folhabv.com.br	
05	Foto: Orib Ziedson	
06	O CD foi lançado no último dia 18, no Centro	
07	Multicultural da Orla Tamunan	
08	Manter viva as tradições indígenas. É com esse	
09	propósito que o projeto de inclusão social, “Cantos da	Terra”
10	lançou no último dia 18, no Centro Multicultural da Orla Taumanan, um CD composto por músicas	
11	cantadas, na língua indígena, pelo coral Eseren’ka, da comunidade de Campo Alegre.	
12	A coordenadora dos Projetos Indígenas da Prefeitura Municipal de Boa Vista (PMBV), Florany	
13	Mota, disse que essa é uma iniciativa que busca promover ações de políticas públicas voltadas para a	
14	preservação cultural das comunidades indígenas das etnias da capital.	
15	“O trabalho também visa manter vivo os costumes desse povo dentro das comunidades, além	
16	disso, trata também de ações articuladas para a melhoria da qualidade de vida, enfatizando a	
17	autoestima”, explicou Florany.	
18	O trabalho é feito, por meio, do canto coral oferecidos a crianças, adolescentes e jovens das	
19	comunidades, com faixa-etária entre sete a 21 anos, onde a principal preocupação é com a preservação	
20	da língua materna.	
21	O CD é composto por cinco faixas com músicas cantadas na língua Macuxi, sendo que a	
22	primeira, Upororoi Míkuyumaípe (Varrendo meu Terreiro), é uma capela, de uma música baseada na	
23	dança milenar dos povos indígenas, o Parixara. “A ideia é resgatar a dança, a língua materna e solidificar	
24	a auto-afirmação de fazer parte desse povo”, destacou.	
25	Os demais temas são: Wana’Pon (Ninho de Pássaros), Anna Eserenakato (Nossa Canção),	
26	Morípe Aweyu Man (Parabéns pelo seu aniversário) e Moripê Upikkatîsaiya (Eu Sou Grato).	
27	Florany destacou que a canção Anna Eserenakato retrata a cultura indígena e na letra da música	
28	um dos trechos o coral canta: “Na nossa cultura, cantamos dessa forma. Nossa voz se espalha, fazendo	
29	sua história”, citou.	
30	O projeto se divide em duas comunidades indígenas da capital a de Campo Alegre com 28	
31	coralistas do grupo Seren’ka – palavra indígena que significa cantar-, os quais fazem parte desse projeto	
32	piloto “Cantos da Terra”.	
33	“Mas o projeto futuro é produzir um CD com os dois corais o Seren’ka e o coral Murumurutá,	
34	que é significa Currupião, da comunidade de Vista Alegre composto por 88 vozes”, adiantou à	
35	coordenadora.	
36	Um dos pontos comentados por Florany com relação ao projeto é a oportunidade de ocupação	
37	oferecida aos jovens indígenas. “Além das atividades tradicionais de canto e coral, o projeto prioriza o	
38	trabalho de prevenção as problemáticas sociais como drogas, alcoolismo e gravidez na adolescência”,	
39	destacou.	
40		Fonte: http://www.folhabv.com.br/noticia.php?id=112732
41		
42		
43		

MAKUXI INDIGENOUS IDENTITY ANALYSIS IN A VIRTUAL REPORT

Revista Falange Miúda
ISSN 2525-5169

Periodicity:
Fluxo contínuo

Volume 4
Number 2

Received in: 08/06/19
Approved in: 07/07/19

Abstract:

In an increasingly globalized society the identity issues are highlighted pointing to new fragmented and multiple identities. In this context, is Boa Vista/Roraima, the scene of intense social, cultural and linguistic transformations. This research is based in Hall (2006), Woodward (2000) and Silva (2000) who discusses the relationship of identity. The aim of this paper is to discuss the relationship between language and identity, and as material for analysis there is an article about the launch of an indigenous CD linked to a newspaper roraimense. Analysing the article, it was possible to notice that, although there is a trend toward indigenous language/cultural homogeneity, it is important to consider that identities are fragmented and multifaceted.

Keyword:

Language. Identity. Makuxi.